ANTIGA CASA DE CÂMARA E CADEIA DA CIDADE DE GOIÁS

MUSEU DAS BANDEIRAS

Goiás, a velha, é uma cidade que simboliza a colonização paulista e portuguesa destes sertões cerrados. Uma colonização movida por desejos de riqueza e posse, mas consciente do passo definitivo.

Impressionante o apelo do ouro. Rapidamente percorreram as nascentes do Rio Vermelho, em seguida o Rio das Almas, do Rio Maranhão, do Rio Corumbá, São Marcos, São Félix, Peixe, Traíras, das Arraias, Paranã e os Grandes do Araguaia e do Tocantins, entre tantos outros, e, em menos de dez anos, já existia uma rede de arraiais que ia da Chapada da Canastra, ao sul, até a região de Natividade e Porto real, ao norte, nas bordas do cerrado com a amazônia. A leste perdia-se nos ermos do Espigão Mestre, a Serra Geral, dos Arrependidos até os criatórios de gado da Bahia. À oeste o ouro dos Goiases levou os colonos até o Rio Grande do Araguaia, mas, adiante, passando o Rio das Mortes, os Cuiabanos levaram o Brasil Central até o Paraguai, depois além, até os contrafortes e quebradas da Chapada dos Parecis e Serra Ricardo Franco.

Um imenso continente.

Naqueles tempos era já esse território atravessado por caminhos, repletos de aventureiros, mineradores e tropas buscando o ouro, a fortuna e o chão para adotar.

O *Arrayal de Sant'Anna* prosperou e tornou-se capital do imenso território das *Minas dos Goayazes*. Junto a mineirar o ouro tinham que haver-se com obrigações administrativas, religiosas, sociais, comerciais e tudo o mais.

Em 1739 chega ao Arraial de Sant'Anna o Governador Dom Luiz de Mascarenhas e, tendo sido determinado aquele local para Capital, é elevado à Villa Boa de Goyaz. Algumas fontes historiográficas indicam ter sido desse período a ereção da capela primitiva de Nossa Senhora da Boa Morte e a da primeira Casa de Câmara e Cadeia, dentro do espaço da nova praça que se

constituía, depois conhecida como "Largo do Chafariz". O mais antigo registro iconográfico conhecido do local é de 1751, parte de um tríptico de perspectivas toscas, mostrando o Arraial em suas duas vertentes para o Rio Vermelho. O primeiro, intitulado *Prospecto de Villa Boa tomada da parte do Norte para o Sul no anno de 1751*, mostra a primitiva Cadeia no largo, possivelmente na mesma posição da Casa de Câmara e Cadeia construída pouco tempo depois, em 1766.

É bastante plausível que esta tenha sido construída sobre a antecessora, aproveitando pelo menos o terrapleno e os arranques de pedra das antigas paredes. Esta tese é reforçada ainda pelo formato da planta, fazendo supor que a ala direita do Casa atual seja exatamente o perímetro da pequena Câmara e Cadeia dos primórdios do Arraial.

Entretanto também é bastante plausível que a nova Casa tenha sido construída apenas próxima a antecessora, corroborando essa tese os seguintes pontos: 1) Enquanto se construía a nova Casa, a antiga bem devia continuar funcionando, e tanto melhor se próxima da nova, para fiscalização e apressamento da obra; 2) A Casa nova tinha projeto mandado, possivelmente, de Lisboa ou do Rio de Janeiro, devendo portanto ser construída segundo esse projeto, como de fato o foi, com poucas alterações. 3) À frente da Casa foi erigido o Pelourinho, ao tempo da elevação do Arraial à Villa Boa e Capital da Capitania de Goiás. É mais que provável que parte dos materiais aproveitáveis da antiga Casa tenham sido aproveitados para ereção do pelourinho e até para complemento da nova construção.

Resta-nos aguardar a oportunidade de efetuar prospecções arqueológicas para sanarmos essa dúvida histórica.

Mas, querelas arqueológicas e iconográficas à parte, voltemos à Casa de Câmara e Cadeia, o nosso Museu das Bandeiras.

Construído, como já se disse, com base em prospecto proveniente da Coroa Portuguesa, foi a ele razoavelmente fiel, tanto na planta como nos alçados. As diferenças mais visíveis estão na torre do sino, feita bem menor que o desenho, e nos anexos e muros existentes, podendo ter sido construídos à mesma época, ou, mais provavelmente, em período posterior.

Outras diferenças são na verdade modificações efetuadas ao longo do tempo. Tudo indica que as alterações mais antigas referem-se às adaptações de cômodos, tanto no térreo como no piso superior, para encarceramentos especiais (qualquer semelhança com tempos atuais....).

As técnicas construtivas correspondem ao que de melhor seria possível fazer na época e na região. Sobre o terreno úmido foi feita a base de pedras argamassadas, e sobre ela foram levantadas as paredes de taipa-de-pilão que formam a planta do pavimento térreo, com exceção de uma pequena parede de adobes junto ao corredor de acesso ao páteo. Sobre as paredes que

formam o maciço continuam as taipas, em bitola um pouco menor para apoio dos pisos do pavimento superior, até o respaldo final, abrigando as vigas de aroeiras, chamadas frechais. As estruturas do telhado e dos pisos do pavimento superior são todas em madeira de lei, quase sempre aroeiras.

Desde o projeto a decisão costumeira, as cadeias ao rés do chão, assim como as guardas e serviços, além, é claro, do grande saguão e da escada de acesso ao andar de cima. Nesse térreo as grandes celas não tem portas, com acesso somente pelo andar superior, num alçapão por onde os presos eram "introduzidos" em sua pena. Avulta agora o aspecto interno mais impressionante, o revestimento dessas câmaras carcerárias, ou cadeias, ou ainda enxovias, termo que tem sido mais usado pelo Iphan, mas contestado pelo meu saudoso mestre Roberto Lacerda, que ensinava: Enxovia era a cela ou cadeia construída em sub-solo, enterrada ou semi-enterrada, restando pouco mais ou menos que a altura de uma janela para ventilação e iluminação. Não é de fato o caso da de Goiás.

As cadeias são revestidas, se assim se pode dizer, com aroeiras. A "das mulheres", na ala esquerda, com pranchões tão grossos que a menos espessa não tem menos que sete centímetros, por pelo menos vinte e dois de largo, cobrindo toda a altura do pé-direito. A "dos homens", na ala direita e maior, com toros de aroeira de pelo menos dezoito a vinte centímetros nos lados, dispostos a prumo e em junta seca, também em todo o pé-direito. Na desdita dos condenados, impossível até mesmo sonhar com fugas.

As aberturas tem até hoje duas grades, faceando por dentro e por fora o primeiro terço do requadro em arenito. As de dentro de grossos tarugos de madeira, chapeados com ferro, e as de fora com barras de ferro rebitadas nas junções. Estão lá também os sinais - furos de chumbamento dos gonzos - das folhas de madeira para fechamento exterior dessas "janelas", tanto para proteção das chuvas e do frio mais rigoroso, como para vedar luz e visagem aos condenados, castigo suplementar que nos faz refletir sobre a cultura específica dos suplícios e do grotesco estímulo à "bondade" e à probidade.

Depois dessa visita ao inferno, e passando antes pelas demais dependências do térreo - sala de guarda, xadrezes provisórios, quintal e anexos, voltamos ao saguão para subir a grande e solene escada. Já no prospecto vindo da Coroa, pelo desenho do alçado das fachadas e através da porta de entrada, estava devidamente indicada essa escada, com balaustrada e arranque esmerado. Subindo solenemente como autoridade local, como cidadão em busca de favores ou soluções de demandas, como burocrata de aparência atarefada, ou como réu, cada qual havia de sentir essa ascensão de forma diferente. Hoje devemos apenas subir solenemente, em respeito a um local símbolo do poder entre homens.

No pavimento superior as dependências da Câmara, compostas pelo salão nobre dos Camaristas, com suas antecâmaras, na ala esquerda. Na direita o salão de justiça, com as dependências anexas dos prisioneiros em julgamento. Essa a disposição que ocupou o Casa no início do século XIX, e é, possivelmente com poucas diferenças, a mesma desde seus primórdios.

Desde logo realça o fato de ser o único exemplar de arquitetura oficial construído segundo prospecto e ordem Régia, em todo o Brasil Central. Sua arquitetura soma quesitos de ordem construtiva e estética, pois compõe de forma magnífica os elementos técnicos portugueses aos materiais disponíveis - e vale lembrar que toda a arquitetura agnóstica era telúrica e lógica, ao contrário da religiosa, que representava um mundo além do senso comum - associados ao rigoroso atendimento ao programa e, com precisão, à volumetria e jogo de "cheios e vazios" (paredes e aberturas), mesmo que esse compromisso estético houvesse por bem dar às cadeias plasticidade e numero de janelas quase incompatíveis com a destinação de jugo e castigo.

Além disso, o porte e a qualidade construtiva aliam-se à sua posição sobranceira à grande praça, símbolo do poder político-administrativo local.

É bom lembrar também que a Câmara era o único poder constituído pelos cidadãos, mediante escolha ou eleição, ainda que regrado pela Coroa. Os demais, Governador ou Capitão-General, Juízes, Ouvidores, Intendente da Real Fazenda, Oficiais Militares, *et caetera*, tinham poder delegado diretamente pelo Rei. Isso nos faz refletir sobre as sociedades brasileiras em diversas épocas, os viveres idealizados e realizados, os mundos virtual e real que criamos e fazemos.

A antiga Casa de Câmara e Cadeia de Goiás, hoje em sua forma de Museu das Bandeiras, procura revolver essas entranhas da nossa sociedade, como componente reconhecido de Memória e Patrimônio Cultural. Um respeitável projeto de vida!

José Leme Galvão Junior

Arquiteto do DEPROT